

5

A construção de identidade dos conselheiros – trajetórias pessoais e profissionais

Neste capítulo, analiso as narrativas contadas pelos conselheiros nas entrevistas sobre sua vida pessoal e também sobre o processo de entrada para o conselho. Esses relatos são importante instrumento no entendimento da construção identitária de cada um dos conselheiros. Além disso, tais análises possibilitam também a criação de um panorama comparativo entre as diferentes identidades construídas, o que me permitirá traçar uma caracterização da prática profissional dos conselheiros.

Para tanto, busco entendimento e respostas para algumas questões que permeiam esta pesquisa: (a) por que os conselheiros tutelares narram histórias durante as entrevistas?; (b) em que momento eles as contam?; (c) que identidades são projetadas durante o contar dessas narrativas?; e (d) como suas identidades são projetadas?

Este capítulo foi dividido em quatro partes principais, cada qual examinando uma entrevista com um conselheiro tutelar. Portanto, as seções intitulam-se “Carlos”, “Bruna”, “Ana” e “Thais”. Cada uma destas seções tem como foco olhar as narrativas que os conselheiros tutelares contam a respeito de suas vidas pessoais antes de se tornarem conselheiros e de sua trajetória até a ocupação do cargo. Os entrevistadores iniciaram as entrevistas perguntando sobre a sua trajetória até a chegada ao conselho e dessa maneira os conselheiros narram histórias que muitas vezes os remetem a sua infância e adolescência.

Cada seção a seguir examinará parte da entrevista feita com cada um dos quatro conselheiros em análise.

5.1 Carlos

Nesta seção, tratarei de analisar o trecho inicial da entrevista com o conselheiro tutelar Carlos, cujo Conselho se encontra no município do Rio de

Janeiro. O trecho a seguir trata de sua jornada pessoal, anterior ao cargo de conselheiro.

01	Olivia	Essa:: entrevis::ta está sendo gravada com o Car::los ... que é::
02		conselheiro é:: num conselho tutelar no Rio tá ... hoje é dia onze de
03		novembro de dois mil e dez ... Vamos lá, Carlos, conta então ... um
04		pouquinho pra gente porque:: assim o que que:: levou você a ser
05		conselheiro fala um ... pouco assim do::
06	Carlos	Bom eu nasci e mo::rava numa comunidade de:: ... comunidade lá da
07		cruzada são Sebastião uma comunidade:: ainda ... ah:: da favela do
08		°pinto° ... e ai:: no inicio dos anos 80 eu comecei a trabalhar ...
09		basicamente com: crianças e adolescentes ... eu tinha MUitos livros
10		em casa sempre gostei muito de de ler e não tinha espaço ... e
11		precisava tá passando aqueles livros e ai ... fui levá-los numa escola
12		onde eu tinha estudado ... e essa escola no no período que eu (
13		dentro) da comunidade dessa escola ... no período que eu estudei lá
14		ela tinha uma biblioteca maravilhosa e quando eu retornei lá já tinha
15		um outra diretora não tinha mais aquela biblioteca etc e tal e eu já
16		fazia o segundo grau no Andre Maurois e ai precisava tinha mais de
17		500 títulos ai eu levei pra lá e ai não Tinha mais a biblioteca e ai a
18		diretora MUito doida ... me convidou pra montar a biblioteca eu tinha
19		quatorze anos ... e ai juntei mais três amigos ... Daniela Juliana e
20		Bruno e montamos uma biblioteca ... eu cheguei nos espaços e tinha
21		lá um <u>espaço</u> que era um depósito ... um espaço Muito grande e ai
22		NÓS limpamos NÓS arrumamos fomos fazendo o:: o:: contato com
23		as outras bibliotecas enfim montamos a biblioteca e a biblioteca se
24		formou num Oasis dentro da escola não trabalhava não fazia nada
25		pra ninguém e tal e ai fomos fazer os cursos da própria secretaria de
26		educação adoTOU o projeto=
27	Anita	=É::=
28	Carlos	=Bibliotecas comunitárias ... e daí começou e a gente bom eu como
29		adolescente ... vivia numa época muito interessante no inicio dos
30		anos oitenta ... comecei ... adolescente ... aquelas manifestações
31		diretas já tudo aquilo eu eu participava ativamente ... depois eu fui
32		trabalhar é:: depois assim no final dos anos oitenta eu fui trabalhar
33		com um programa de rádio muito famoso como <u>produção</u> de rádio
34		que eu gostava muito=
35	Olivia	=Pensei que fosse locutor hhh
36	Anita	É

Observando o trecho acima pode-se perceber que para contar sua trajetória, o conselheiro faz uso de narrativas menores que relatam pequenos acontecimentos que estão entrelaçados à sua narrativa central. A primeira narrativa contada por Carlos remete à sua infância, ainda na sua comunidade de origem. Ele conta onde nasceu e relata um evento que ele constrói como de engajamento social, e, portanto relevante para sua trajetória de vida de militâncias. O trecho em questão tem como tema central a construção da biblioteca. O conselheiro conta que foi convidado pela diretora do colégio onde estudou para ajudá-la a elaborar uma biblioteca nessa instituição. Apesar de muito jovem,

Carlos aceitou o desafio e junto com alguns outros colegas montou a biblioteca. Embora a temática da biblioteca seja o foco central, outras narrativas menores aparecem nesse trecho e merecem também ser analisadas.

No início do trecho, na linha 8, é possível perceber as primeiras *orientações* que formam essa narrativa central ao situar a história nos anos 80 e ao se construir como sujeito em primeira pessoa (*no início dos anos 80* – linha 8; *eu tinha muitos livros* – linha 9; *precisava tá passando aqueles livros* – linha 10; *eu tinha quatorze anos* – linha 18). As orientações apresentadas por Carlos formam, por sua vez, uma pequena narrativa, embora não canônica, pois há a uma sequência de orações no imperfeito (*tinha* e *precisava*). Essas orientações nos informam sobre o cenário e os participantes dessa narrativa, ou seja, o seu contexto. Ao analisarmos esses enunciados, percebemos que Carlos já inicia a construção de sua identidade sinalizando que gostava de ler embora fosse tão novo na época.

Após as orientações, Carlos inicia sua narrativa contando a história de como ele e alguns amigos montaram a biblioteca. Sua narrativa apresenta a primeira oração da ação complicadora na linha 11 (*fui levá-los numa escola*), seguida de outras (*ai eu levei pra lá* – linha 16; *me convidou pra montar a biblioteca* – linha 17/18; *ai juntei mais três amigos* – linha 18; *e montamos uma biblioteca* – linha 19). Essa sequência de orações forma, segundo Labov (1972), uma narrativa, pois apresenta verbos no passado e principalmente porque apresenta sequencialidade temporal. Nesse pequeno trecho, o conselheiro faz uso de verbos de ação conjugados na primeira pessoa, singular ou plural, o que demonstra que ele se constrói como agente experienciador de sua narrativa. Suas orações mostram também seu engajamento desde cedo nas questões sociais e ele se constrói ainda como alguém capaz e competente para assumir funções de grande responsabilidade. Ele se apresenta como um profissional que toma a frente nos projetos, ou seja, que tem liderança, característica essa bastante importante no trabalho como conselheiro.

Ao narrar sua experiência com a montagem da biblioteca, Carlos faz uso de muitas avaliações. A primeira, ainda em relação aos livros que possuía, mostra

seu interesse pelos livros e pela leitura (*Sempre gostei muito de ler* – linha 10; *ela tinha uma biblioteca maravilhosa* – linha 13/14). Em seguida, ele mostra sua opinião em relação à atitude da diretora não apenas na sua escolha lexical, mas também na mudança de seu tom de voz (*e ai a diretora MUito doida* – linha 17). O conselheiro Carlos mostra aqui que a diretora parece ter sido bastante audaciosa ao propor que ele e seus amigos montassem a biblioteca, já que eram todos ainda adolescentes. Porém, ao aceitar o desafio, Carlos mostra que sua insegurança em relação a sua capacidade de montar a biblioteca não era maior do que a vontade de fazer algo proveitoso para a comunidade estudantil.

A narrativa chega ao fim com a apresentação de um resultado (*enfim montamos a biblioteca* – linha 22) e em seguida, de uma coda (*a biblioteca se formou num Oasis dentro da escola* - linhas 22/23). Ao analisarmos este trecho narrativo descrito acima, percebemos que o conselheiro se constrói como uma pessoa bastante ativa na vida social. Ao citar que a diretora era ‘muito doida’ de pedir que ele aos quatorze anos montasse aquela biblioteca, ele constrói junto com o interlocutor a sensação de ousadia e dificuldade daquela ação. E ao final, por ter conseguido montar a biblioteca ele acaba por se construir não apenas como um adolescente engajado, mas também como sendo uma pessoa capaz de desenvolver projetos sociais ainda que naquele momento de maneira discreta.

No momento seguinte da entrevista, o conselheiro, apesar de continuar narrando eventos de sua vida pessoal, insere agora a temática do Conselho, como pode ser visto no trecho a seguir.

43	Carlos	cair do céu eu sempre fui muito curioso ... bom dois mil e ai dá-lhe
44		um salto iMENso eu ai já não morava mais na comunidade ... em
45		dois mil e cinco trabalhando na secretaria de segurança pública mas
46		assim não abandonei os movimentos sociais saúde de educação eu
47		sempre eu me () sabe aquela coisa política partidária isso tudo ...
48		me dava subsídio e ai em dois mil e cinco a minha irmã me pediu
49		que nós apoiássemos uma candidata ao conselho tutelar que eu
50		confesso que eu não tinha conhecimento do que era o conselho
51		tutelar apoiamos elegemos a:: conselheira e a conselheira não
52		atendeu A demanda que nós:: julgávamos ... °necessária°... bom
53		nesse período ... eu tinha dentro da minha ONG ...um programa ... é:
54		uma parceria com o ministério da justiça a secretaria nacional de
55		segurança pública que era o de capacitar:: ah não antes disso a
56		gente foi pra Brasília é: fazer barulho CONTRA o ministro da justiça
57		porque ... é: era: tava as vésperas dos jogos panamericanos e ai nós
58		queríamos os <u>pretinhos favelados</u> PARTICIpando de TODA a
59		construção não apenas como ()

60	Olivia	Aham:
61	Carlos	Mas como... peça chave daquela construção e isso como proposta
62		de segurança pública ... o ministro um homem <u>insuportável</u> () mais
63		baixo ele dizia que tinha recurso mas não tinha um:: projeto bom
64		criamos um projeto fomos um construindo de forma coletiva e aí
65		criou-se o () que foi o:: programa MÃE do pronasce programa
66		nacional de segurança pública com cidadania totalmente inclusivo,
67		participativo e ai conseguimos a idéia era capacitar jovens
68		adolescentes para atuarem como guias () dos jogos panamericanos
69		lembrando que tínhamos oitenta mil voluntários trilingues para
70		atuarem de forma voluntariosa mas nos queríamos os nossos como
71		contrapartida foram dez mil e quinhentos jovens e adolescentes de
72		quatorze a vinte e quatro anos que atuaram

A primeira narrativa do fragmento acima já apresenta o Conselho Tutelar como pano de fundo. Carlos conta como se aproximou do órgão ao relatar diversas experiências como ativista social. Nesse trecho, Carlos confessa inclusive que não tinha conhecimentos sobre o que era ou o que fazia um conselheiro tutelar. Mesmo assim, ele, procurado pela irmã, ajudou uma candidata a se eleger conselheira tutelar no município do Rio de Janeiro. Carlos conta que essa profissional não estava apresentando o trabalho esperado pela comunidade e, portanto, deveria ser substituída, o que abriu caminho para sua futura candidatura.

Ao analisarmos esse trecho detalhadamente, percebemos que Carlos mostra um estilo próprio ao contar suas experiências. Ele faz uso de encaixes, ou seja, ele entrelaça diferentes narrativas coadjuvantes no meio da narrativa central, que é sobre sua entrada no Conselho Tutelar. Sendo assim, é preciso olhar para elas uma a uma. Em primeiro lugar, analisarei a narrativa que trata do Conselho Tutelar e por isso é a central neste trecho, como mostra o quadro abaixo, e em seguida, as duas narrativas encaixadas.

Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>dois mil e</i> – linha 43; • <i>já não morava mais na comunidade</i> – linha 44; • <i>em dois mil e cinco trabalhando na secretaria de segurança pública</i> – linhas 44 e 45; • <i>em dois mil e cinco</i> – linha 48.
Ações	<ul style="list-style-type: none"> • <i>minha irmã me pediu que nós apoiássemos uma candidata ao</i>

complicadoras	<p><i>conselho tutelar</i> – linhas 48/49</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>apoiamos</i> – linha 50; <i>elegemos</i> – linha 50; • <i>e a conselheira não atendeu a demanda</i> – linha 51;
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>eu confesso que eu não tinha conhecimento do que era o conselho tutelar</i> – linhas 49/50.

O quadro acima mostra que, ao início da narrativa, Carlos usa várias orientações e com isso contextualiza sua história (*dois mil e* – linha 43; *já não morava mais na comunidade* – linha 44; *em dois mil e cinco trabalhando na secretaria de segurança pública* – linhas 44 e 45; *em dois mil e cinco* – linha 48). Carlos informa que sua história tem início em 2005, e que ele já trabalhava na secretaria de segurança pública. Essa narrativa, ao contrário da primeira, constrói Carlos como um homem e não mais como um menino inexperiente e precoce. Logo em seguida, ele faz uso da primeira oração de sua ação complicadora (*minha irmã me pediu que nós apoiássemos uma candidata ao conselho tutelar* – linhas 48/49). Mais uma vez, ele se mostra engajado já que aceitou o convite da irmã e apoiou a candidata ao Conselho. Nas linhas 49 e 50, ele apresenta uma avaliação relatando o fato de que não tinha conhecimento sobre o que era nem o que fazia o Conselho Tutelar (*eu confesso que eu não tinha conhecimento do que era o conselho tutelar* – linhas 49/50). A partir da linha 50 ele dá continuidade à ação complicadora com as orações a seguir (*apoiamos* – linha 50; *elegemos* – linha 50; *e a conselheira não atendeu a demanda* – linha 51). Ao saber da existência do Conselho Tutelar, ele parece ter rapidamente se envolvido com todo o projeto desenvolvido pelo órgão, pois logo em seguida, afirma que a conselheira eleita não atendeu às expectativas da comunidade. Novamente, ele se constrói como alguém que está preocupado com projetos sociais.

A narrativa central, baseada na sua chegada ao Conselho Tutelar, tem fim na linha 52. A partir daí, Carlos desvia-se da temática do Conselho e inaugura outras histórias. A primeira narrativa encaixada que Carlos conta é sobre a capacitação de jovens e adolescentes para entrar no mercado de trabalho. Ele conta que desenvolveu um programa dentro da sua ONG para capacitar jovens

para trabalharem como guia nos jogos panamericanos do Rio de Janeiro de 2007. A tabela abaixo mostra de que maneira a narrativa está sendo apresentada:

Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nesse período</i> – linha 52; • <i>eu tinha dentro da minha ONG... um programa...é: uma parceria com o ministério da justiça a secretaria nacional de segurança pública que era o de capacitar::</i> - linhas 52/53/54;
Ação complicadora	<ul style="list-style-type: none"> • <i>criamos um projeto</i> – linhas 62/63; • <i>criamos o que foi o programa MãE do pronasce</i> – linhas 63/64; • <i>e aí conseguimos</i> – linha 65; • <i>nós queríamos os nossos</i> – linhas 68/69;
Coda	<ul style="list-style-type: none"> • <i>foram dez mil e quinhentos jovens adolescentes de quatorze a vinte e quatro anos que atuaram</i> – linhas 69/70

Como mostra o quadro, nessa narrativa ele faz uso de orientações (*nesse período* – linha 52; *eu tinha dentro da minha ONG... um programa...é: uma parceria com o ministério da justiça a secretaria nacional de segurança pública* - linhas 52/53/54); orações narrativas (*criamos um projeto* – linhas 62/63; *criamos o que foi o programa MãE do pronasce* – linhas 63/64; *e aí conseguimos* – linha 65; *nós queríamos os nossos* – linhas 68/69); e da coda (*foram dez mil e quinhentos jovens adolescentes de quatorze a vinte e quatro anos que atuaram* – linhas 69/70). Nesse trecho, o conselheiro relata seu primeiro projeto de engajamento político mais específico. Nesse narrativa, encaixada na narrativa central, vemos que Carlos se constrói como agente de toda a experiência. Ele o tempo todo apresenta sua luta e a de seus companheiros (*criamos* – *conseguimos*). Sua jornada lingüística mostra que apesar do caminho difícil ele obteve sucesso na sua empreitada. E é isso que está construindo sua identidade de profissional engajado e vitorioso.

No meio dessa narrativa encaixada, é possível perceber ainda que há outra sendo narrada, como mostra o quadro a seguir.

Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ah não antes disso</i> – linha 54;
Ação complicadora	<ul style="list-style-type: none"> • <i>a gente foi pra Brasília fazer barulho</i> – linha 55; • <i>nós queríamos os pretinhos favelados participando de toda a construção</i> – linhas 56/57;
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>os pretinhos favelados</i> – linha 56; • <i>o ministro um cara insuportável</i> – linha 61

Na linha 54, temos uma orientação (*ah não antes disso*), duas orações narrativas (*a gente foi pra Brasília fazer barulho* – linha 55; *nós queríamos os pretinhos favelados participando de toda a construção* – linhas 56/57), e duas avaliações (*os pretinhos favelados* – linha 56; *o ministro um cara insuportável* – linha 61). Nessa trajetória narrativa, suas avaliações, ao falar, por exemplo, na linha 57 dos “pretinhos favelados” e na linha 61, ao falar do ministro chamando-o de “insuportável” mostram uma opinião bastante forte em relação à sua luta. Na primeira avaliação, fica claro que os termos empregados por ele, de maneira irônica, para definir os jovens negros são uma citação a um vocabulário preconceituoso e que geralmente são utilizados para rebaixar a imagem dos negros moradores das comunidades em favelas. Já em relação à segunda avaliação, ela mostra que neste momento ele não está sendo irônico, pelo contrário está reforçando a idéia de que ministros e políticos em geral não se mostram acessíveis a apoiar causas sociais e muito menos a se engajarem em projetos de cunho público. Nesse pequeno trecho, Carlos mostra mais uma vez sua vocação pelas lutas sociais e seu engajamento.

Por tudo que foi visto nessa subseção, podemos dizer que Carlos se constrói como um profissional engajado em causas sociais desde sua adolescência até sua chegada ao Conselho Tutelar. Ele mostra ainda, através de suas histórias antes de sua entrada no Conselho, que ele é um profissional capacitado para enfrentar os problemas e dificuldades que o cargo de conselheiro exige. Ao mesmo tempo que se constrói como capaz, ele projeta suas vitórias para que possam servir de embasamento para sua capacidade. Por fim, ele se constrói

também como agente se suas próprias experiências mostrando, assim, sua habilidade de conquistar resultados para os problemas sociais.

Todas as características apresentadas nesta subseção referentes ao conselheiro Carlos serão retomadas nas próximas subseções a fim de estabelecer conexões entre as identidades construídas pelos quatro conselheiros e refletir sobre como suas similaridades ou discrepâncias ajudam no processo de entendimento do cargo de conselheiro.

5.2 Bruna

Esta seção apresenta os trechos iniciais da entrevista feita com a conselheira tutelar Bruna, de um Conselho na região metropolitana do Rio de Janeiro, como mencionado na seção 4.5. No momento inicial, a entrevistada narra eventos de sua vida pessoal antes da chegada ao órgão em questão, como se pode perceber no trecho que se segue.

06	Bruna	Eu sou Bruna tenho trinta e quatro anos agora dia vinte e um faço::
07		trinta e cinco
08	Anita	Ah:::..... ((todas juntas))
09	Bruna	tá pertinho já é::: minha formação eu sou pedagoga ... tenho uma
10		filhinha que vai fazer quinze anos agora também mês que vem ... é::
11		assim ... eu sempre trabalhei com::: ... fui ser professora minha mãe
12		queria que eu fosse professora eu não quis ser professora fiz
13		formação geral no segundo grau porque eu não queria ser
14		professora porque eu não tinha paciência né de:: ensinar:: meus
15		irmãos é: somos seis irmãos né:: quer dizer eu sou a segunda mas
16		eu tinha quatro irmãos mais novos que eu auxiliava na:: nos estudos
17		no dever e nunca tinha paciência então eu nunca quis a minha mãe
18		queria que eu fizesse eu não quis fazer fiz formação geral e não fiz
19		... mas num determinado correr dos estudos do:: do ensino médio ...
20		na minha na comunidade que eu moro ... É:: tinha muitas mães que
21		não sabiam ler:: e escrever:: que não sabiam lidar com a:: questão
22		da escolaridade dos filhos e me pediram como eu era uma das::
23		poucas pessoas da comunidade que tinha que <u>estava</u> no segundo
24		grau que tinha uma escolaridade avançada começaram a me pedir
25		pra ensinar <u>dever</u> :: ser explicadora ... e com muita dificuldade não
26		gostando muito eu comecei a atender e fiz muito mal aquelas
27		crianças
28	Anita	Hhhhhhh ((todos riem))
29	Bruna	Porque né ... imagina
30	Lili	Você certamente só fez bem
31	Bruna	Algumas até dizem que::: que foram bem mas imagina ... depois que
32		a gente aprende que a gente estuda que a gente vê todas as
33		questões né a gente vê que a gente fez muita coisa errada e graças
34		a deus acabou chegando em alguns bons resultados mas a

35		tendência era de resultado nenhum né ... porque eu grita::va com
36		aquelas crianças o que eu amedrontava aquelas crianças ...
37		violência psicológica hhhh
38	Lili	Hhhh e depois quando você foi estudar é que
39	Bruna	Violência psicológica pra que eles ... aprendessem soubessem um
40		pouquinho mas tinha outro lado mesmo que falaram que foi onde foi
41		proporcionando a eles a terem é:: um pouco mais de interesse ou
42		medo de não estudar né e foram uns pararam na quarta série outros
43		acabaram o primeiro grau outros já segundo grau () tem uns que já
44		foram segundo grau () e a partir desse convívio desse:: e vendo
45		me sentindo mal da forma de tratar de não saber como lidar com a
46		situação eu resolvi fazer pedagogia ... eu falei assim já que tem uma
47		deman::da já que que::rem as mães pediam quase imploravam
48		quando falava que não ia dar era uma tristeza que só ... ai eu
49		comecei a ver a necessidade de realmente não buscar uma
50		profissão só por satisfação mas uma questão social ... e como eu
51		também trabalhava é:: participava da igreja ai:: começaram também
52		na questão de ser catequis::ta mas eu nunca tinha sido ainda
53		catequista sozinha então era auxiliar era mais fácil você tá com
54		criança e adolescente sendo auxiliar do que você tá ali de frente ...
55		então o convívio como catequista da igreja e a <u>necessidade</u> da
56		minha comunidade de ter alguém que ensinasse que ajudasse né::
57		na questão educacional das crianças e dos jovens fez com que eu
58		entrasse pra pedagogia ... ai fui fazer:: fiz pedagogia e:: no decorrer
59		precisando trabalhar fui trabalhar numa ong onde trabalha a questão
60		de cultura cidadania pra:: pras crianças aqui em são João ... né a
61		casa da cultura ... e ali fui aprofundando mais essas questões sociais
62		né assim a questão de:: de:: da gente não tá:: uma coisa que a gente
63		aprende na igreja e que a gente tem a oportunidade né quando a
64		gente trabalha assim em escolas mesmo em em ... ONGs de
65		aprofundar que a gente não tá aqui de passa::gem que a gente tá
66		aqui não é só por um benefício no::sso que a gente tá em busca do
67		benefício comum:: né:: de bem estar na sociedade de buscar mudar
68		transformar a sociedade então a gente foi aprofundan::do
69		estudan::do participando de atividades é: é: políticas ... não
70		partidá::rias políticas sociais e tudo e fui cada vez gostando <u>mais</u> de
71		tá nesse meio de tá:: desenvolvendo ... e:: nessa instituição ... é:: a
72		instituição tem uma história né: de envolvimento dentro da cidade
73		nas questões sociais e sempre indicou pessoas a estarem no
74		conselho tutelar ... eu conhecia pouco né:: do trabalho do conselho

Neste trecho inicial da entrevista, a conselheira narra experiências de sua vida tanto pessoal como profissional. Neste primeiro momento, a narrativa central tem como tema o fato de ela ter se tornado professora. Ela explica que foi fazer pedagogia mesmo sem ser essa sua real vontade. Antes de ser professora, Bruna foi explicadora (contra sua vontade), catequista e trabalhou em uma ONG cultural em sua comunidade.

Sua narrativa começa então com um *resumo* da história que irá contar ao longo deste trecho (*eu sempre trabalhei com::: ... fui ser professora* – linha 11). Logo em seguida vem a orientação, onde ela contextualiza a história a ser na

narrada, dando informações de personagens e tempo, apresentadas nas linhas 11 e 12 (*minha mãe queria que eu fosse professora eu não quis ser professora*). Apesar de neste trecho anterior ela ainda não contextualizar sua história no tempo, apenas dá informações sobre personagens, no trecho a seguir, que já se caracteriza por ser uma *ação complicadora*, ela situa a narrativa no tempo (*eu fiz formação geral no segundo grau* – linhas 12 e 13). Mais adiante, ela muda a informação temporal, introduzindo à narrativa o período em que já estudava no segundo grau, entre as linhas 18 e 23. Nesse momento, a entrevistada se constrói como uma pessoa que, a partir do seu estudo, pode ajudar a comunidade em que vive. Ela conta que alguns dos moradores pediam sua ajuda para auxiliar no estudo de seus filhos como uma professora explicadora. Logo em seguida, porém, ela, a partir de uma *avaliação*, nas linhas 24 e 25 (*eu fiz muito mal aquelas crianças*) e também na linha 31 (*a gente fez muita coisa errada*), se percebe incapaz, pelo menos àquele momento, de ajudar de maneira positiva aquelas crianças e adolescentes. Essa insatisfação e incapacidade apresentada pela conselheira levam-na para uma nova situação, que pode ser entendida de duas maneiras. Quando Bruna diz, nas linhas 42 e 43, que “*eu resolvi fazer pedagogia*”, sua fala pode ser entendida como o resultado da sua narrativa, ou seja, a frase final de sua história, ou se olharmos por outra perspectiva, pode ser entendida como o *resumo* de uma nova narrativa a ser contada. Como nossa fala está repleta de histórias e narrativas que se entrelaçam, pode-se entender esta frase como um elo conector entre dois momentos distintos em sua vida. É dessa maneira, portanto, que Bruna constrói a coerência entre suas narrativas.

Tendo dito isso, sua narrativa começa então uma nova etapa no processo de se “tornar professora”, temática principal deste trecho inicial, como dito anteriormente. Nesta nova narrativa, Bruna começa a construção de sua identidade como uma pessoa que passa a pensar no outro tanto quanto em si mesmo. Nas linhas 45 e 46 ela diz “*ai eu comecei a ver a necessidade de realmente não buscar uma profissão só por satisfação, mas uma questão social*”, e nas linhas 53 a 55 diz ainda que “*ai fui fazer:: fiz pedagogia ; fui trabalhar numa ONG*. Com essas três frases, Bruna se posiciona como uma pessoa que se preocupa com a comunidade e mostra, ainda que de maneira indireta, suas aptidões para o cargo de

conselheira tutelar. Da mesma maneira que na seção anterior vimos como o conselheiro Carlos construiu sua identidade de militante e de engajado socialmente, assim também Bruna o fez a partir de suas narrativas de vida pessoal. Porém, os dois conselheiros tiveram trajetórias bastante distintas. Carlos teve como motivação o engajamento social e político, como na construção da biblioteca e na criação do programa para jovens. Já Bruna teve um começo bem diferente. O que fica evidente na narrativa da conselheira é que a ajuda à comunidade veio aos poucos, sem que ela quisesse. É como se ela tivesse sido levada a essa situação, ao contrário de Carlos que sempre se mostrou interessado nos projetos sociais, visto a agentividade presente em suas narrativas. A decisão de Bruna ao aceitar fazer pedagogia, por exemplo, mostra claramente um embate entre o seu querer profissional e a sua vontade de ajudar sua comunidade. Passada essa fase inicial em suas vidas, que de certa forma os diferenciam, os dois se assemelham na luta pelos direitos de crianças e adolescentes, no trabalho diário e árduo de conselheiros tutelares.

O trecho a seguir inicia-se com a aparição do Conselho Tutelar em sua vida, passando desde sua falta de conhecimento sobre o cargo até a chegada ao Conselho de fato.

01	Lili	Você tá há quanto tempo aqui
02	Bruna	É meu primeiro manda::to eu tenho dois anos ... ai eu conhecia pouco mas o o porque eu conhecia o:: as pessoas que tinham sido indicadas pela essa por essa instituição antes de mim que trabalha:vam então de vez em quando a gente conversava trocava ideia eles falavam que eu ia ser a próxima ai eu <u>fugia corria</u> não tinha aquele interesse ... ai na época que tava pra abrir as inscrições e como um dos critérios aqui é de:: é de ser indicado por uma instituição que trabalha com criança e adolescente
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10	Lili	Ah:: tá
11	Bruna	É aqui tem todo o processo da inscrição ... tem a prova e:: tem::: o:: processo de escolha né... mas pra inscrição uma das:: um dos critérios pra inscrição é que você prove dois anos o mínimo de dois anos de trabalho com crianças e adolescentes ... mas que você também seja <u>ligada</u> seja <u>indicada</u> por uma instituição que seja cadastrada no CMDCA ... ai como: como essa instituição já tinha é: já tinha né hábito de tá sempre indicando uma pessoa ai foram conversar comigo pelo trabalho que eu estava desenvolvendo por: por ter visto segundo eles né a fala que eles usaram a questão de eu tá sempre querendo me comprometer me informar né mais sobre as questões sociais e a minha área ser ligada a educação e especificamente na: na questão da educação infantil e séries iniciais né porque eu fiz regência fiz pedagogia com regência na educação infantil e educação especial e então eles viram assim que seria uma: das das pessoas a tarem ocupando ... a princípio eu não <u>quis</u> não
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		

26		quis é:: falei que eu não queria eles me pediram pra pensar:: refletir::
27		conversar com a família ... conversar com a comunidade já que eu
28		tinha o trabalho da comunidade e ver se se não era só uma
29		impressão deles ou se eu não tinha outros apoios outras pessoas
30		que concordavam de que eu taria bem desenvolvendo o papel de
31		conselheira ... ai foi o que eu fiz ... fui conversar conversei na família
32		comentei::
33	Lili	A família apoiou
34	Bruna	Ai comentei na comunidade com as pessoas né que a gente faz o
35		trabalho social ... na igreja ai eu costumo dizer que:: é:: deus fala
36		com a gente através das pessoas né e:: então até pra minha
37		surpresa foi todo mundo:: ninguém me disse <u>não</u> ... todo mundo foi
38		incentivando e por mais que eu botava algumas situações porque
39		assim eu sou muito emotiva ... né eu não consigo estar a par dos
40		problemas dos outros então eu tenho problema de () nervosa então
41		de vez em quando eu me aborreço por causa dos outros então ... eu
42		tava sempre colocando essas questões ... mas eu acho que não vai
43		dar ai eu vou me aborrecer eu vou querer trazer as crianças todas
44		pra casa todas aquelas coisas aqueles quadros que a gente vivencia
45		mesmo mas que já imagina que ia vivenciar ... e ai as pessoas
46		falavam assim ah: mas você vai tirar de letra se você gosta você vai
47		aprender você vai conseguir ... ai começaram a incentivar e ai () foi
48		assim me coloquei em oração ... né e fui pedi pra que se fosse a
49		vontade de deus que essa vontade crescesse em <u>mim</u> né... mesmo
50		que tenha sido de: de fora pra dentro ... mas que aflorasse dentro de
51		mim a percepção e o entendimento de que seria... né graças a deus
52		assim eu fui aos poucos percebendo é: vendo a: outros lados que
53		teria certa dificuldade ... todas as outras assim de estrutura que a
54		gente já conhecia por ter conhecimento das pessoas que tavam aqui
55	Lili	Você já sabia que tinha problema
56	Bruna	Que tinha né mas assim é algumas falas de que com certeza não
57		seria <u>mais</u> uma conselheira conselheira só por número por estar
58		seria uma pessoa que taria junto com o coletivo ... buscando pra que
59		essa realidade melhorasse né:: então:: ai foi uma das coisas que foi
60		se incentivando
61	Lili	Ai você se arrependeu não
62	Bruna	Não... não me arrependo
63	Lili	Que que tá te trazendo [()]
64	Bruna	[apesar que tenho hora que dá vontade de
65		chutar o balde e abandonar <u>tudo</u> ... mas naquela naquele momento
66		assim do <u>estresse</u> () que dá vontade ... a gente respira e olha e
67		fala assim <u>não</u> realmente não tem
68	Lili	Você sente que tá conseguindo ajudar
69	Bruna	... ajudar::: ... assim na questão da estrutu::ra da gente conseguir
70		melhorar a estrutura disso aqui a gente vê que a gente não anda ...
71		um passo pra frente e dois pra trás né... promessas conversas sobre
72		é:: é:: uma porção de coisa alinhada mas:: ... nada vai ... nada
73		engrena ... mas na questão do:: da: ajuda do auxílio <u>às pessoas</u> né...
74		<u>às famílias</u> é o que me orgulha é o que me faz não pular fora né com
75		todas as dificuldades

CMDCA: Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente

O trecho apresentado é o relato de como Bruna chegou ao cargo de conselheira tutelar de um dos Conselhos da região Metropolitana. Ao início de sua narrativa ela conta que não tinha conhecimento aprofundado sobre o que era o Conselho Tutelar ou o que fazia um conselheiro, da mesma maneira que afirmou

Carlos em sua entrevista analisada na seção anterior a esta. Porém, ela conhecia pessoas cujo trabalho estava ligado ao Conselho e tudo que sabia sobre o cargo era por intermédio deles. A candidatura de fato veio a partir de um convite dos superiores que trabalhavam no mesmo local. Ao narrar seu primeiro pensamento sobre a candidatura, a conselheira relata que pretendia não aceitar a indicação, mas após intervenção familiar e da comunidade, decidiu que deveria aceitar. A tabela a seguir mostra detalhadamente como foi feita a narrativa da conselheira Bruna.

Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>É meu primeiro mandato eu tenho dois anos</i> – linha 02; • <i>de vez em quando a gente conversava trocava ideia eles falavam que eu ia ser a próxima</i> – linhas 05/06; • <i>eu fugia corria não tinha aquele interesse</i> – linha 06;
Ação complicadora	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ai foram conversar comigo</i> – linha 16; • <i>eles viram assim</i> – linha 22; • <i>falei que eu não queria</i> – linhas 23/24; • <i>eles me pediram pra pensar refletir conversar com a família</i> – linhas 24/25; • <i>ai foi o que eu fiz</i> – linha 28; • <i>fui conversar conversei na família comentei</i> – linhas 28/29; • <i>ai comentei na comunidade com as pessoas</i> – linhas 31; • <i>ninguém me disse não</i> – linha 34; • <i>ai foi assim me coloquei em oração</i> – linhas 48/49; • <i>pedi para que se fosse a vontade de deus que essa vontade crescesse em mim</i> – linhas 49/50;
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Eu conhecia pouco</i> – linha 02; • <i>a princípio eu não quis</i> – linha 23;

Na narrativa apresentada por Bruna é possível perceber que há uma presença constante de citações a Deus e a aspectos religiosos. As frases nas linhas 48 e 49 (*me coloquei em oração ... né e fui pedir pra que se fosse a vontade de deus que essa vontade crescesse em mim*) mostram que a conselheira levou em consideração as vontades e incentivos da comunidade e também suas crenças religiosas, construindo-se assim como uma conselheira religiosa que abriu mão de suas vontades em prol do bem comum.

Durante sua narrativa, vimos que Bruna expõe alguns dos fatores que a levaram ao cargo de conselheira. Em determinados momentos, vemos que a conselheira justifica sua trajetória e isso seria, como vimos na seção 2.1.1, um caso de explanação, segundo Linde (1993). Ela apresenta alguns enunciados com o intuito de explicar ou justificar suas escolhas e ações. O primeiro exemplo está entre as linhas 16 e 21. Neste trecho, Bruna fala sobre o convite que recebeu para se candidatar ao cargo e justifica o porquê dessa escolha relatando alguns aspectos relevantes de seu engajamento social.

16	Bruna	ai foram conversar comigo pelo trabalho que
17		eu estava desenvolvendo por: por ter visto segundo eles né a fala
18		que eles usaram a questão de eu tá sempre querendo me
19		comprometer me informar né mais sobre as questões sociais e a
20		minha área ser ligada a educação e especificamente na: na questão
21		da educação infantil e séries iniciais

Ao analisarmos o trecho acima percebemos que este está dividido em duas partes. A primeira é o que Schiffrin chama de “posição”, que é a frase inicial do trecho (*ai foram conversar comigo – linha 16*) e que é entendida como a afirmação que deve ser provada. O resto do trecho se define como o “suporte”, contendo uma sequência de razões que justificam e provam a credibilidade da afirmação (apud Linde 1985 [1993]). Da mesma maneira, o segundo trecho (linhas 35 a 39) apresenta as mesmas características:

35	Bruna	porque assim eu sou muito emotiva ... né eu não
36		consigo estar a par dos problemas dos outros então eu tenho
37		problema de () nervosa então de vez em quando eu me aborreço
38		por causa dos outros então ... eu tava sempre colocando essas
39		questões ...

A afirmação *eu sou muito emotiva* vem seguida de uma justificativa.

Nesta subseção vimos que Bruna se constrói inicialmente como uma pessoa bastante insegura ao relatar suas experiências enquanto explicadora com as crianças da comunidade. A crença na sua falta de capacidade para ser explicadora fica evidente na sua narrativa, assim como também fica evidente a opinião de pais e dos próprios alunos sobre o sucesso de suas aulas como explicadora. Outro aspecto bastante relevante é sua inclinação religiosa, aspecto esse que veremos também nas narrativas de outros conselheiros a seguir. Essa vocação religiosa, portanto, a leva a decidir seguir um caminho que não é o escolhido por ela, mas sim escolhido por Deus.

5.3 Ana

Nesta subseção serão analisadas as narrativas da conselheira Ana, cujo Conselho localiza-se na zona metropolitana do Rio de Janeiro, referentes a sua vida antes de entrar para o Conselho e também sua trajetória até a chegada ao cargo em questão. O extrato a seguir faz parte da entrevista concedida pela conselheira tutelar ao grupo de pesquisadores e apresenta três momentos distintos. A seguir, apresento o primeiro trecho de sua entrevista.

07	Ana	... eu
08		comecei a: a: a:: o trabalho assim com criança e adolescente no na
09		associação de moradores na época do projeto crescer ... né então
10		assim fazia parte da associação ai tinha o leite que era distribuído
11		pras crianças carentes e eu na época trabalhava na associação ... e
12		na igreja católica ... com:: cateque::se pastoral da crian::ça é::
13		mutirão de combate a desnutrição materna infantil:: então assim a::
14		a:: minha histó::ria até chegar no conselho
15	Lili	[[((falas sobrepostas))]]
16	Ana	[Veio dessa militância] né do movimento social do movimento popular
17		mesmo

Nesta parte inicial, a conselheira fala sobre seu primeiro contato de trabalho com adolescentes e crianças a partir de seu envolvimento na associação de moradores e também em alguns setores da igreja católica. Esse primeiro trecho não pode ser considerado como uma narrativa, pois não apresenta ação complicadora. Ele apresenta o que poderia ser um resumo (*comecei a: a: a:: o*

trabalho assim com criança e adolescente no na associação de moradores – linhas 07/08/09) e orientações (das linhas 09 à 17). Este trecho foi selecionado para a análise, porém, por fornecer a contextualização da sua chegada ao Conselho. Ele mostra que a conselheira Ana, assim como os conselheiros analisados anteriormente, teve uma vida de militâncias em prol do bem de crianças e adolescentes de baixa renda. Observando as narrativas contadas pelos três conselheiros analisados até agora é possível perceber que parece ser uma unanimidade a prática da busca pela defesa da vida social e do bem estar do outro, ainda antes de ingressarem no cargo de conselheiros.

No trecho a seguir, a conselheira introduz a segunda etapa de sua trajetória até a chegada ao Conselho. Ela fala sobre seu sonho de cursar a faculdade de serviço social e sobre a dor de não o ter realizado.

16	Ana	[Veio dessa militância] É: do movimento social do movimento popular
17		mesmo ... eu <u>não</u> consegui fazer a faculdade mas meu <u>sonho</u> era
18		fazer serviço social ... era fazer serviço social né:: ... mas não
19		consegui re realizar esse sonho

A partir da linha 17, a conselheira inicia sua pequena narrativa introduzindo um *resumo* da mesma ao dizer ‘*eu não consegui fazer a faculdade*’. Logo em seguida, há uma narrativa breve, não canônica, na sequência de ‘*meu sonho era fazer serviço social*’. Ela conclui sua narrativa central com o *resultado* ao dizer ‘*eu não consegui realizar esse sonho*’. Ao contrário dos dois conselheiros analisados anteriormente, Bruna e Carlos, Ana não tem formação acadêmica. Durante sua narrativa fica clara sua frustração por não ter cursado a faculdade. Dessa maneira ela se mostra como uma pessoa que apesar de batalhadora não conseguiu obter sucesso nesse aspecto. Embora muitos conselheiros tenham curso superior, o cargo não exige tal formação, como mencionado no capítulo 2.5.

O próximo trecho selecionado de sua entrevista trata diretamente da trajetória de Ana ao cargo de conselheira tutelar. Ela conta que foi convidada por uma conselheira a se candidatar ao cargo. Como no início Ana se mostrou um pouco relutante, sua amiga a convidou a ficar por alguns meses trabalhando voluntariamente no Conselho para aprender um pouco mais sobre o cargo.

26	Ana	E aí assim ... é:: em dois mil ... e três a conselheira que e::ra do
27		mesmo grupo né:: que era a marinete valentim ... ela fez o convite ...
28		aí eu falei assim ah: não não vou ter capacidade pra isso não:: é
29		muito complica::do ... aí falou assim não você vai pra lá fica assim me
30		ajudando organizando os documentos e você já vai pegando o jeito
31		então fiquei um ano:: e três meses mais ou menos ajudando ela na
32		organização do conselho <u>voluntariamente</u> né até o processo de
33		escolha de conselheiros ... que foi em dois mil e cinco né... aí em
34		dois mil e cinco eu fui elei::ta conselheira tutelar no primeiro mandato
35		né que foi até: dois mil e:::: nove ... em dois mil e nove teve a:: em
36		dois mil e oito né foi de dois mil e cinco a dois mil e oito
37	Lili	São dois ou três anos?
38	Ana	São três ... até dois mil e oito em dois mil e outro teve um novo
39		processo né... e eu me candidatei a reeleição né:: recondução e aí eu
40		fui reconduzida ... que termina agora em dois mil e onze
41	Anita	Você não pode se [candidatar na próxima]?
42	Ana	[não posso mais] não posso mais ser:: [candidata

Ao início da narrativa, Ana contextualiza sua história com uma orientação (*em dois mil e três a conselheira que era do mesmo grupo né que era a Susana Nunes* – linhas 26/27) e logo em seguida, usa orações narrativas para formar a ação complicadora. O quadro a seguir mostra como sua narrativa pode ser estruturalmente analisada:

Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>em dois mil e três a conselheira que era do mesmo grupo né que era a Susana Nunes</i> – linhas 26/27; • <i>em dois mil e cinco</i> – linha 33; • <i>que foi até dois mil e nove</i> – linha 34; • <i>em dois mil e oito teve um novo processo</i> – linha 38.
Ação complicadora	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ela fez o convite</i> – linha 27; • <i>eu falei assim</i> – linhas 27/28; • <i>aí falou assim</i> – linha 29; • <i>fiquei um ano e três meses mais ou menos</i> – linhas 30/31; • <i>fui eleita conselheira tutelar</i> – linhas 33/34; • <i>eu me candidatei a reeleição</i> – linha 39; • <i>aí eu fui reconduzida</i> – linhas 39/40.

A fala de Ana durante sua narrativa sinaliza, assim como nas falas de Carlos e de Bruna, que o Conselho Tutelar apareceu em sua vida de maneira imprevisível e não planejada. Assim como a conselheira Bruna, Ana também foi convidada a se candidatar ao cargo proposto. No caso de Carlos, ele foi convidado a ajudar uma candidata a se eleger, porém, após perceber que a mesma não era adequada para o cargo, ele próprio decide se candidatar. Seguido a isso, outra semelhança em ambas as conselheiras se dá na recusa inicial expressada por elas em suas respectivas narrativas. Tais fatos mostram um perfil do candidato à conselheiro com características como medo, insegurança e sentimento de incapacidade para o trabalho. Por outro lado, se analisarmos estas características sob um ponto de vista distinto percebe-se que todos os sentimentos negativos vêm do fato da exigência de grandes responsabilidades e, sobretudo pela magnitude do cargo e pelo valor da modéstia em nossa cultura.

5.4 Thais

Nesta seção, analiso parte da entrevista concedida por uma conselheira tutelar ao nosso grupo de pesquisadores. A conselheira em questão é Thais, que faz parte de um Conselho Tutelar na região metropolitana do Rio de Janeiro. O extrato inicial da entrevista, que será apresentado a seguir, foi dividido em três partes de acordo com os temas: vida familiar, igreja, liderança social e, por fim, a chegada ao Conselho.

11	Thais	... eu casei com DEZOITO anos tá e::: eu sempre gostei de ensinar
12		na verdade eu deveria ser professora só que é::: ah eu sou né do
13		tempo em que MULHER não precisa de estudar só quem precisa
14		estudar é o homem então eu tenho um irMÃO é:: mais novo do que
15		eu dois anos e o meu irmão foi MOTlvado a ser engenheiro então
16		nós morávamos mais na roça né com sete anos eu vim pra São
17		Gonçalo sai de São Gonçalo casada e vim pra Niterói mas eu nasci
18		em Niterói porque como meu irmão morreu de mal de sete dias é:: a
19		minha mãe veio pra casa do meu tio pra até no Fonseca mesmo na
20		alameda e:: eu nasci na casa do meu tio e:: com um mês que eu
21		retornei pra roça de novo né ... então meu irmão foi motivado a ser
22		engenheiro e EU a ser doméstica né ... a fazer curso de bolo de
23		costura isso tudo eu fiz e:: fiz o ginásial até assim já por uma::: uma
24		gentileza do senhor Jesus que eu digo que tudo na minha vida
25		acontece né porque na verdade era pra mim vir pro:: né ... sempre

26		esqueço o nome daquele colégio ... estadual ... esqueci ... que que
27		é::: formava o aluno é::: nessas profissões domésticas né ...
28		ensinava até a:: fazer chaPÉU é:: sabe muito borDADO muita coisa
29		então era LÁ que a minha mãe pretendia me colocar () é perto de
30		uma escola estadual de: agora vai ficar só de segundo grau daqui a
31		pouco ... começa com a e eu sempre esqueço o nome dela ... mas ai
32		como::: a minha:: a diretora da minha do meu colégio primário
33		organizou um um ginásio então deu continuidade ao ginásio e ai::
34		minha mãe então né achou muito melhor eu fazer o ginásio em são
35		Gonçalo mesmo do que vir para o Aurelino leal
36	Maria	Ah: é esse o nome
37	Thais	Aqui em Niterói que ai eu tinha que vir de ÔNibus todo dia pra cá e
38		tal então eu fiz o ginásio lá mas aquele ginásio e aquele primário né
39		não tem tanto mas o ginásio né com os professores todos aqui de
40		Niterói a gente aprendia Francês inglês latim então totalmente
41		diferente infelizmente né:: do fundamental de hoje ... bem ... e ai eu
42		casei com dezoito anos e tive quatro filhos e cuidei dos quatro filhos
43		né e fiquei como DO LAR né nunca trabalhei fora

Neste primeiro trecho, Thais narra alguns eventos de sua vida em família, onde nasceu, como foi sua educação e principalmente sobre suas aspirações profissionais. Apesar de todas as tentativas de sua mãe para tornar-lhe uma dona de casa, Thais conta que sempre quis ser professora.

Neste trecho inicial Thais apresenta duas narrativas, uma central falando sobre sua educação e sua vida profissional, e uma outra que conta sobre seu nascimento. A narrativa central de Thais começa com um resumo (*eu casei com dezoito anos tá* – linha 11) e se segue com orações de orientação (*eu sempre gostei de ensinar* – linha 11; *eu sou né do tempo em que mulher não precisa de estudar* – linhas 12/13; *nós morávamos mais na roça* – linha 15). Durante sua narrativa são apresentadas orações narrativas (*com sete anos eu vim pra São Gonçalo* – linha 16; *sai de São Gonçalo casada* – linha 16; *e vim pra Niterói* – linha 17; *eu fiz e:: fiz o ginásio lá* – linha 22; *fiz o ginásio lá* – linha 36; *eu casei com dezoito anos* – linha 41/42; *e tive quatro filhos* – linha 42; *cuidei dos quatro* – linha 43) e, por fim, a coda (*fiquei como do lar* – linha 43; *nunca trabalhei fora* – linha 44) que indica o final de sua narrativa.

Algumas passagens neste trecho chamam atenção pela construção da imagem de uma mulher de uma outra geração. Os eventos narrados pela conselheira reforçam o estereótipo de mulheres que não tinham escolha com relação à profissão e eram obrigadas a trabalhar em casa, em atividades

domésticas; e que deveriam casar cedo para ter filhos. Um aspecto mencionado por Thais parece uni-la às outras duas conselheiras: a religião. Os trechos a seguir apresentam a iniciação de Thais nos grupos da igreja e também sua inserção na vida social da comunidade onde vivia.

39	Thais	nunca trabalhei fora e até que:: eu sou assim muito::: católica né ... o
40		que dizem católica praticante é::: ... mas ... assim ... pela autorização
41		da minha

52	Thais	é:: meu filhos cresceram e eu comecei a me enfronhar mais na igreja
53		especialmente na ordem franciscana secular ... ai comecei a
54		frequentar a ordem franciscana secular e lá eu ouvi um pedido AH::
55		TÁ PRECISANDO TANTO DE CATEQUISTA NA IGREJA ai:: uma
56		irmã lá né da ordem..ai eu

Embora o primeiro trecho selecionado não apresente uma narrativa, ele é importante para entendermos como a conselheira Thais constrói sua identidade. Já no segundo trecho, Thais apresenta uma narrativa para falar sobre sua trajetória na igreja.

Assim como Bruna e Ana, Thais também declara um forte sentimento religioso e adesão à igreja católica. Ao analisarmos as suas narrativas ela declara que a vontade de ajudar o outro, de ajudar ao próximo, tem grande influência dos ensinamentos aprendidos na igreja. Segundo seu relato, a conselheira Thais não apenas pediu ajuda divina para a decisão de aceitar ou não o cargo, mas também acredita que as ações sociais realizadas na comunidade devem ser geridas por representantes da igreja a fim de melhorar a qualidade de vida dos moradores através dos ensinamentos do evangelho. Esse desejo de buscar alguém que fosse devoto a Deus para ocupar cargos em entidades sociais aparece no trecho a seguir.

58	Thais	a igreja era dividida em setores e nós ficamos com o setor santo
59		cristo que era do MORRO de santo cristo então nós ficamos com a
60		catequese das crianças do MORRO ... e nós organizamos uma
61		uma:: ong que se chamava geac grupo de estudo e ação
62		comunitária e isso foi:: em oitenta e nove eu entrei na ordem em
63		oitenta e quatro sabe e::: ali eu fui catequista né fui catequista
64		dezoito anos né então eu era catequista do morro então eu já
65		conhecia muitas famílias no morro nós íamos pra fazer a matrícula
66		nós íamos no morro incentivar as crianças a vim fazer a catequese
67		e::: é::: em oitenta e nove nós organizamos esse grupo e o grupo era
68		grupo de ação é:: grupo de estudo e ação comunitária então a gente
69		fazia círculo bíblico dentro das comunidades mas já não era só de
70		santo cristo era santo cristo mais vila Ipiranga e eucalipto ... três

71		comunidades ali do Fonseca e:: nós fazíamos círculo bíblico
72		fazíamos ESTUDO com com as as pessoas né e a ideia nossa era
73		formar lideranças para estar A LUZ DO EVANGELIO estar
74		mostrando para elas os direitos delas

O trecho anterior pode ser considerado como uma crônica (Linde:1993) ou como um fragmento de crônica, pois apresenta sequência temporal e não apresenta elementos de narrativas completas, como orientação, avaliação, resumo ou coda. Neste trecho, a conselheira fala sobre sua entrada na ONG chamada geac (Grupo de estudo e ação comunitária) que tinha como principal objetivo catequizar as crianças da comunidade. Sendo assim, a igreja aparece novamente como forte influenciadora na execução de ações sociais. Ao final do trecho, nas linhas 72 e 73, ao dizer “a ideia nossa era formar lideranças para estar a luz do evangelho mostrando para elas os direitos delas” ela mostra a crença de que para ser uma pessoa engajada em projetos sociais é preciso ter não apenas conhecimento sobre os ensinamentos de Deus mas principalmente ser guiado por Ele.

Os dois últimos trechos selecionados da entrevista com Thais são referentes à sua trajetória de chegada ao Conselho Tutelar.

167	Thais	ela perguntou se eu não queria entrar na cha na tal chapa dela
-----	-------	--

176	Thais	bem mas ai é:: eu falei com ela que eu não: não ia porque ela não
177		me convidou de primeira ela convidou a pessoa lá que não: no:: final
178		das contas não quiseram entrar alguém lá não quis e ela ai me
179		convidou como tapa buraco ai eu não: não sei o que que é isso o
180		que o conselheiro vai fazer não: eu não quero saber disso não ...
181		então não primeira gestão eu não entrei ai ... entrou ... a irmã Nilza
182		que era desse grupo da igreja do santuário das almas então o grupo
183		do: da: do: organizado pelo santuário das almas foi que ganhou e:
184		entre mim e ela tinha a Irmã Nilza uma freira que conseguiu ganhar
185		também ... ai quando estava terminando a gestão três anos ela me
186		chamou e disse assim Thais você não quer vir candidata não esse
187		negocio de conselho tutelar é muito estressante é preciso uma
188		pessoa de deus aqui dentro pra poder harmonizar o grupo porque é
189		muito estressante o trabalho ... ai eu disse assim ah então eu vou ...
190		vou entrar nessa ... ai entrei ...

Da mesma maneira que as outras duas conselheiras analisadas anteriormente, Thais também não teve iniciativa própria para candidatar-se ao

cargo. De forma semelhante às outras duas, ela também foi convidada por outra pessoa a participar do Conselho. No caso de Thais, fica claro que o fator decisivo na sua candidatura foi a fala de sua amiga reproduzida por ela (*Thais você não quer vir candidata não? esse negócio de conselho tutelar é muito estressante é preciso uma pessoa de deus aqui dentro pra poder harmonizar o grupo – linha 186/187*).

Nesta subseção vimos que muitas das características de Thais são compartilhadas pelos outros conselheiros analisados anteriormente. O quadro abaixo mostra mais claramente as relações de semelhança e diferenças entre eles.

	Entrada no conselho	Engajamento Religioso	Engajamento político-social
Carlos	Candidatura própria	-	+
Bruna	Candidatura convidada	+	-
Ana	Candidatura convidada	+	-
Thais	Candidatura convidada	+	+

A partir da análise do quadro acima percebemos que há dois tipos distintos de trajetória profissional. O primeiro refere-se à uma trajetória de engajamento político-social apresentada por Carlos e Thais. Apesar de esses dois conselheiros terem a religiosidade como um ponto de divergência, ambos apresentam um caráter agentivo em suas experiências. Os dois mostram em suas narrativas que estão sempre em busca de melhorias para suas comunidades e não esperam as oportunidades aparecerem.

Contrário a isso, o segundo tipo de trajetória refere-se ao engajamento religioso, apresentado por Bruna e Ana. Em ambos os casos, as conselheiras se engajaram no Conselho Tutelar a partir do contato com a religião, como se estivessem cumprindo um dever, um chamado. Essa característica mostra um

caráter menos agentivo do que o apresentado anteriormente por Carlos e Thais, já que as oportunidades chegaram em suas vidas não por desejo delas mas sim por ordem do acaso.

Ao analisarmos a chegada dos conselheiros ao Conselho Tutelar percebemos que eles não apresentam unanimidade. As três conselheiras foram convidadas a participar do Conselho candidatando-se ao cargo. Já Carlos, por ter se envolvido previamente através de sua irmã, candidatou-se por vontade própria.

Os aspectos levantados aqui são apenas alguns dos que ajudam a estudar a construção da identidade desses conselheiros tutelares. A fim de buscar um maior entendimento e compreensão a esse respeito, foram também analisadas as narrativas profissionais dos conselheiros após o ingresso ao Conselho Tutelar, como veremos no capítulo a seguir.